

Advérbio em –mente: processo morfológico concluído ou em andamento?¹

João Carlos Rodrigues da Silva (PPGL- UnB)
Maria Avelina de Carvalho (PPGL-UnB)
Virgílio Pereira de Almeida (PPGL-UnB/UCB)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal investigar a construção morfológica adverbial em –*mente*, evidenciando que o morfema –*mente*, classificado pela gramática tradicional como sufixo, não se comporta como os demais sufixos derivacionais, e reiterando que a gramaticalização de –*mente* é um processo ainda não concluído, encontrando-se ainda em um nível intermediário do *continuum*, como propôs Meillet (*apud* CHRISTIANO *et al.*, 2004, p. 18), em direção à gramaticalização definitiva. A abordagem é predominantemente descritiva, tendo como bases principais os pressupostos teóricos do estruturalismo e do funcionalismo.

Palavras-chave: Advérbio, processos morfológicos, gramaticalização, sufixo

ABSTRACT: *This paper aims at investigating the morphological construction of adverbs with a final –mente in Portuguese. We intend to highlight that the morpheme –mente, categorized as a suffix by the traditional grammar, does not function as other suffixes, thus indicating that the gramaticalization of –mente is not a concluded process, but is rather found midway in the continuum proposed by Meillet (apud CHRISTIANO et al., 2004, p. 18) towards total gramaticalization. The approach used in this study is mostly descriptive, grounded on the theoretical assumptions of structuralism and functionalism.*

Keywords: *Adverb, morphological processes, gramaticalization, suffix.*

1. Introdução

Gramáticos e linguistas, que geralmente discordam entre si, estão de acordo quanto à imprecisão do que se convencionou chamar de classe adverbial. Pottier (1962, p. 53 *apud* BIDERMAN, 2001, p. 279) expressou bem esse fato ao dizer que “parece que incluíram nas gramáticas sob a rubrica ‘advérbios’, todas as palavras com as quais não se sabia o que fazer”. Williams (1994), em sua obra *Do Latim ao Português*, dedica, na parte intitulada ‘Morfologia’, capítulos específicos para *substantivos, adjetivos, numerais, artigos, verbos e pronomes*. Não há sequer menção à classe de advérbios. Além de Pottier, Biderman cita estudiosos espanhóis e italianos que concordam com a dificuldade em se caracterizar a

¹ Artigo produzido no âmbito do Projeto de Pesquisa “Revisão crítica de estudos sobre a morfologia do Português”, sob a orientação do Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, no primeiro semestre de 2008, na disciplina de Morfologia (PPGL-UnB).

classe adverbial. A confusão não está, portanto, restrita a uma determinada língua e tampouco se trata de uma percepção contemporânea, pois Dionísio, no século I a.C., já identificava vinte e seis diferentes classificações ou subclasses para o advérbio (*apud* GUIMARÃES, 2006).

Como se vê, estamos diante de um interessante assunto de pesquisa, cujo viés escolhido para análise é o dos advérbios terminados em *-mente*. Estabelecemos, então, como objetivo geral, investigar a construção morfológica adverbial em *-mente*. Partindo da evidência de que o morfema *-mente*, classificado pela gramática tradicional como sufixo, não se comporta como os demais sufixos derivacionais, sugerimos que a gramaticalização de *-mente* é um processo ainda não concluído, que se encontra em um *continuum* em direção à gramaticalização definitiva.

Como nos lembram Christiano *et al.*, a cunhagem do termo gramaticalização é atribuída a Meillet (*apud* CHRISTIANO *et al.*, 2004), que o conceituou como o processo no qual um item lexical autônomo adquire características gramaticais típicas de morfemas, tornando-se, gradativamente, um item dependente. Não significa, entretanto, que o fenômeno foi proposto por Meillet, como atesta Barbosa :

Pelo menos desde os trabalhos dos filósofos franceses e ingleses do século XVIII, como Condillac e Horne Tooke (Heine: 2003), existe a ideia de que a complexidade gramatical e o vocabulário abstrato derivam historicamente de lexemas concretos, assim como o reconhecimento de que morfemas verbais são provenientes de palavras que perderam, por um lado, seu status de elemento linguístico independente e os privilégios associados a esse status, e, por outro, massa fônica, tornando-se clíticos. (2006, p. 39)

Segundo os estudiosos, o processo de gramaticalização de um item passa por diferentes etapas, em três níveis da estrutura linguística, ao perder certo valor semântico, tornar-se menos livre sintaticamente, e diminuir sua força fonética. Em geral, prosseguem os autores, os níveis da estrutura linguística afetados pela gramaticalização

... mantêm entre si uma ordem cronológica de arranjo: os processos funcionais (como dessemantização, expansão, simplificação) se seguem dos processos morfossintáticos (como permutação, composição, cliticização, afixação), que se seguem dos fonéticos (como adaptação, fusão, perda). (CHRISTIANO *et al. op. cit.* p. 19)

Ainda a respeito de gramaticalização, Gonçalves, Lima-Hernandes & Casseb-Galvão (2007), apoiados em Hopper (1987), entendem que a gramática das línguas constitui-se de partes cujo estatuto é constantemente negociado na fala, não podendo em

princípio ser separado das estratégias de construção do discurso. Desse modo, subjazem a essa perspectiva a concepção de língua como atividade em tempo real e a postulação de que não existe gramática como produto acabado, mas em constante processo de gramaticalização. Portanto, a partir desse conceito, justifica-se a proposição de que *–mente* ainda não tenha concluído o processo de transformação em um item estritamente gramatical.

A elaboração deste trabalho embora tenha se pautado por uma abordagem predominantemente descritiva, tendo como bases principais os pressupostos teóricos do estruturalismo e do funcionalismo, quanto aos objetivos, tem uma função explicativa, uma vez que visa investigar como se pode descrever e explicar, com rigor e método, o fenômeno linguístico observado, qual seja o da formação de advérbios terminados em *–mente*. Com isso, pretendemos contribuir para o esclarecimento de questões relacionadas a esse objeto de estudo, como as pedagógicas. Quanto aos procedimentos técnicos, utilizaremos a pesquisa bibliográfica.

Durante o processo de execução, as seguintes etapas foram estabelecidas: delimitação do objeto de estudo: formação de advérbio terminado em *–mente*; determinação e seleção do *corpus*: lista de advérbios extraídos de fontes diversas (publicações escritas variadas, fala espontânea, etc); coleta e organização do *corpus* segundo critérios oriundos de pesquisa bibliográfica; trabalho bibliográfico; análise do *corpus* e posterior síntese; apresentação dos resultados sob a forma de artigo acadêmico.

É válido ressaltar que as etapas da pesquisa não são estanques, levando a uma articulação constante entre teoria e prática. Assim, à proporção que procedemos à pesquisa bibliográfica, coletamos o *corpus* e também estabelecemos os critérios de organização (identificação, classificação, etc) e, finalmente, quando da redação final, ajustamos e reajustamos os conceitos, classificações e definições.

2. Fundamentação teórica

2.1. Advérbios na literatura tradicional

A fim de verificarmos como a classe dos advérbios é vista na literatura tradicional, selecionamos três autores representativos do que se convencionou chamar de gramática tradicional: Cunha (1985), Rocha Lima (1996) e Bechara (2001).

Cunha (1985) dedica um capítulo ao estudo dos advérbios, definidos sintática e semanticamente como “palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade” (1985, p. 499). Salienta ainda o autor que “os advérbios chamados de intensidade podem reforçar o sentido de outro advérbio” (*id. ib.*). Em seguida, pautando-se na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), identifica as seguintes “espécies” de advérbios: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação, tempo e, finalmente, os advérbios interrogativos. A respeito do nosso objeto de estudo, Cunha destaca apenas a recorrência dos advérbios na seção denominada ‘Repetição de advérbios em *-mente*’. Diz ele que sob a perspectiva estilística, “quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles” (p. 503) e exemplifica com frases extraídas de escritores renomados (p.503):

- (1) O outro respondeu, *vaga e maquinalmente*:
– É verdade, meu senhor, é verdade... (Eça de Queirós)
- (2) Está lá na sua cidadezinha, criando agora os netos, como criara os filhos,
pacífica, honrada e banalmente. (Jorge Amado)

Seguem-se outros exemplos sempre destacando o uso repetido, mas sem entrar em detalhes a respeito do processo. O máximo que Cunha faz é, em uma observação, remeter o leitor à leitura de Harri Meier (1948) e Bernard Pottier (1968) que abordam “os tipos de construção com adjetivos e advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego” (p. 504).

Rocha Lima (1996) trata dos advérbios em dois diferentes capítulos. No primeiro, conceitua e classifica os advérbios, seguindo, assim como Cunha (1985), a NGB, admitindo, no entanto apenas cinco “espécies”: dúvida, intensidade, lugar, modo e tempo. Nos exemplos citados para cada espécie, com exceção dos de lugar, há a presença de advérbios terminados em *-mente*, especialmente nos advérbios de modo. Com isso, percebe-se que Rocha Lima considera que o sufixo *-mente* forma principalmente advérbios de modo. Quanto à definição, também de natureza sintático-semântica, Rocha Lima afirma que “advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal” (1996, p. 174, grifo nosso).

No segundo capítulo, *Emprego do advérbio* (p. 346-352), o autor aborda as funções dos advérbios e, numa pequena seção, trata dos “advérbios em ‘mente’”. Mas, da mesma

forma que Cunha, Rocha Lima² salienta apenas que “concorrendo na frase vários advérbios dos (*sic*) terminados em *–mente*, é usual o emprego do sufixo apenas no último; a menos que, por ênfase, se prefira a repetição” (1985, p. 347). E seguem-se dois exemplos:

- (3) Estávamos *calma, tranquilamente*, aguardando a solução do caso.
- (4) Falava-me *doce, suave, suavissimamente*.

No restante do capítulo, Rocha Lima expõe regras de emprego de inúmeros advérbios, muitos dos quais de uso considerado culto, como *algures* e *alhures*, mas nenhuma observação a mais sobre o processo de formação dos advérbios em *–mente*.

Bechara (2001), dos três gramáticos, é quem vai mais a fundo na análise da classe adverbial. Sua definição, a mais completa, recorre a critérios de natureza sintática, morfológica, semântica, funcional e pragmática. Define o autor:

“Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

(...)

“O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira” (p. 287).

Indo mais além que Cunha e que Rocha Lima, Bechara (2001) ressalta que “certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta” (2001, p. 288). Ressalta, também, que o advérbio, classe heterogênea, tem bastante mobilidade dentro da estrutura frasal e que este seu papel singular “lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante” (BECHARA, 2001, p. 290). Na última parte dessa citação, evidencia-se o aspecto pragmático anteriormente aludido.

A respeito do nosso objeto de estudo, Bechara dedica uma pequena seção intitulada “Advérbios de base nominal e pronominal” (2001, p. 293-294). Classificando os advérbios quanto à sua “origem e significação”, o autor afirma que essa classe gramatical “se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais” (2001, p. 293). E então situa os advérbios terminados em *–mente* entre os nominais, que são “aqueles

² Nem Cunha nem Rocha Lima se referem, em suas definições de advérbio, à invariabilidade, que seria um critério morfológico importante para caracterizá-lo.

formados de adjetivos acrescidos do ‘sufixo’ *-mente*: *rapidamente* (=de modo rápido), *pessimamente*” (*id. ib.*). É interessante que Bechara usa aspas simples na palavra ‘sufixo’, conforme se vê na citação, para alertar o leitor de que não se trata propriamente de um sufixo. Tanto isso é verdade que ele prossegue afirmando que esse caso de uso do ‘sufixo’ *-mente* para formar advérbios nominais fica “a meio caminho, fonológica e morfológicamente, da derivação e da composição (locução)” (*id. ib.*).

Encerrando a breve, mas esclarecedora seção (especialmente se comparada aos outros dois gramáticos), Bechara (2001, p. 293) escreve duas observações, que merecem ser citadas por completo:

Observações:

1.^a) Se o nome tem forma para o masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.^a) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocábular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar forma *-mente* no fim: *Estuda atenta e resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena.

Note-se que Bechara traz duas informações importantes. A primeira, histórica, sobre o gênero da base à qual a forma *-mente* se une. A segunda, morfofonêmica, sobre a conservação do acento da base. Essas informações serão retomadas na próxima seção, quando enfocarmos os estudos linguísticos.

Em síntese, dos três gramáticos consultados, constatamos que dois deles (Cunha e Rocha Lima) abordam a classe dos advérbios bastante superficialmente, limitando-se ao que preconiza a NGB, e, ao tratarem dos advérbios em *-mente*, restringem-se ao aspecto estilístico da repetição encadeada. O único a ir um pouco mais a fundo na descrição dos advérbios terminados em *-mente* é Bechara (2001), na seção denominada ‘Advérbios de base nominal e pronominal’, que traz, como vimos, esclarecimentos incomuns para uma gramática dita tradicional. O prescritivismo do autor, entretanto, é evidenciado ao defender a agramaticalidade de *'portuguesamente'*, exatamente na mesma seção em que apresenta uma maior consciência linguística.

Por fim, numa perspectiva diacrônica, é válido lembrar que as informações sobre a formação dos advérbios terminados em *-mente* encontradas nos gramáticos citados há muito já constavam nos compêndios e gramáticas históricas. Coutinho (1976) informa-nos que o latim clássico tinha diversas terminações para a formação de advérbios de modo, tais

como: *-im, -ter, -lus, -e, -o*, as quais não passaram para o latim vulgar. Esse empregava um processo analítico, que consistia em tomar um adjetivo na forma feminina e juntar-lhe o adjetivo *mens, tis*, significando *espírito, mente*, como, por exemplo, *bona mente factum*. Estava assim aberto o caminho para um novo processo de formação de advérbios de modo nas línguas românicas. Coutinho (*idem*, p. 263), citando Leite de Vasconcelos, revela que no português antigo separavam-se os dois elementos, como, por exemplo, *cortês mente*.

Semelhante abordagem também se encontra em Nunes (1989), que, após descrever o processo de formação adverbial do latim clássico via terminações, afirma que esse processo por sufixos não foi aproveitado pela língua popular. Essa preferiu uma nova, que “foi a de ajuntar ao adjectivo, na forma feminina, quando a possuía, o substantivo *mente* que, tendo significado de *espírito*, veio depois a ser sinónimo de *modo* (NUNES, 1989, p. 343). Complementa essa afirmativa uma observação de Nunes que também é similar à de Leite de Vasconcelos: “A consciência da composição evidencia-se na antiga língua, que separava as duas palavras, e parece persistir ainda hoje no uso de, quando se seguem dois adjectivos de igual terminação, juntar esta só ao último” (1989, p. 343).

2.2. Revendo o processo: advérbios sob o ponto de vista da linguística

Os estudos linguísticos sobre os advérbios partem geralmente da heterogeneidade da classe adverbial. Biderman, comentando o quanto são imprecisas as definições de advérbio, afirma que a principal causa das imprecisões

está no fato de várias palavras de conteúdo semântico muito variado e algumas funções sintáticas similares poderem penetrar nesta classe, uma vez que ela tem portas abertas em duas direções: a das palavras de significação externa (lexicais, nacionais) e a das palavras de significação interna (gramaticais) (2001, p. 280).

Biderman (*op. cit.*) reconhece, pois, o que já mencionamos na introdução deste trabalho: a classe adverbial comporta um sem número de termos que ali foram recebidos por não se encaixarem em nenhuma outra classe à maneira tradicional. A fim de definir com mais precisão o que seja advérbio, Biderman se vale de critérios semânticos, sintáticos, funcionais e morfológicos. Diz a autora que quanto à sua função mais frequente, por exemplo, que é modificador verbal, o advérbio pode: “a) caracterizar o aspecto de um verbo; b) indicar o tempo de ocorrência de um evento; c) modificar o tempo de ocorrência de um evento” (2001, p. 283). Exemplificando essas funções, a autora apresenta os seguintes exemplos:

- a) "Vai escurecendo aos poucos. Lá fora o céu empalidece." (Érico Veríssimo, Clarissa)
(...) b) Ontem ocorreu uma enchente colossal. (...) c) "O engenho se arrastava na safra de quase nada. Mas ainda moía." (José Lins do Rego, Fogo Morto) (2001, p. 284)

Sobre o aspecto morfológico, aquele que nos interessa, Biderman (*idem*) afirma que o advérbio apresenta características variadas, devido à sua heterogeneidade³.

Analisando aquilo que Bechara chama de advérbios de base nominal, Biderman (2001, p.287) chama atenção para o fato de haver uma “superposição do emprego do advérbio e do adjetivo”, uma vez que é muito comum a derivação de novos advérbios em *-mente*, a partir de adjetivos. O exemplo que a autora usa é este:

- (5) A nota soava cristalina. (adjetivo)/ A nota soava cristalinamente (advérbio)
(BIDERMAN, 2001, p. 287)

A autora ressalta também que “um advérbio em *-mente* pode qualificar tanto a ação em desenvolvimento como o seu termo” (2001, p. 287). Há, no entanto, casos de impossibilidade de adverbialização em *-mente*. Citando Moignet, Biderman nos revela que os casos de incompatibilidade de formação de advérbio em *-mente* ocorrem com adjetivos que significam noções espaciais; com adjetivos que indicam cor; com adjetivos de vocabulário técnico; e com adjetivos aplicáveis a seres animados (2001, p. 289).

Algo semelhante encontramos em Barbosa (2006), ao ser analisada a relação entre o adjetivo adverbializado e o advérbio em *-mente*. Barbosa (2006, p. 80) observa que a correspondência entre adjetivo e advérbio terminado em *-mente* não ocorre em casos como (6) e (7), mas é possível em (8):

- (6) as portas não se fecham **direito**
(7) eu acho que ela fez **legal**
(8) eles vieram mais **rápido**

Barbosa ressalta que a correspondência de forma ocorre na maioria dos casos, mas não a de sentido, conforme ilustram as frases (6) e (7), nas quais não poderia haver a

³ Biderman (2001, p. 286) afirma que, “além de modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, o advérbio pode ainda modificar outras classes de palavras, a saber: pronomes indefinidos; numerais; nomes substantivos; preposições; e conjunções”. Não iremos discutir neste artigo essas múltiplas funções modificadoras dos advérbios, que estão longe de serem aceitas com unanimidade. Fica, pois, a sugestão para se pesquisar, no âmbito da morfossintaxe funcionalista, por exemplo, até onde os advérbios modificam todas as classes citadas por Biderman.

permuta de *direito* por *direitamente*, nem *legal* por *legalmente*, uma vez que o sentido seria substancialmente alterado. Já em (8) o uso de *rapidamente* em lugar de *rápido* é perfeitamente possível.

Quanto ao processo morfológico, entretanto, como Barbosa (2006) vê a formação de advérbios em *–mente*? Encontramos a resposta com o apoio do conceito de gramaticalização, entendido como um processo que implica mudança categorial no qual uma forma linguística perde marcas morfológicas ou privilégios sintáticos, conforme indicamos na introdução. Assim, se imaginarmos uma escala das classes de palavras, teremos de um lado categorias plenas, como nomes e verbos, e de outro, categorias com características mais gramaticais, como conjunções e preposições, conforme pode ser visto no esquema a seguir:

substantivo e verbo > adjetivo > advérbio > conjunção e preposição + lexical	+ gramatical
---	--------------

Como a gramaticalização é entendida aqui como um caminho do léxico para gramática, à medida que essa escala é percorrida, a tendência é encontrarmos elementos mais abstratos e mais subjetivos.

A formação dos advérbios em *–mente* estaria, então, para nós e para Barbosa (2006), caracterizado como um processo de gramaticalização, bastante comum na trajetória das categorias linguísticas. Esse processo, conforme Heine (2003 *apud* BARBOSA, 2006), se inicia, normalmente, com o aumento da frequência dos termos que, num segundo momento, ampliam seus contextos (extensão) e, muitas vezes, sofrem mudança de classe (decategorização).

Esse fato fica evidente se nos valermos um pouco da diacronia, como o fizeram Coutinho (1976) e Nunes (1989). Esses autores descrevem o processo histórico de formação dos advérbios em *–mente* do latim vulgar ao português atual, de modo que podemos verificar claramente o *continuum*, ou escala de gramaticalização, uma vez que constatamos a passagem gradual de uma forma do léxico para uma forma gramatical, de acordo com as seguintes etapas, por nós propostas a partir da fundamentação teórica:

1ª etapa (latim vulgar): emprego de um processo analítico, que consistia em tomar um adjetivo na forma feminina e juntar-lhe o substantivo *mens, tis*, significando *espírito, mente*, como, por exemplo, *bona mente factum*.

2ª etapa (português antigo): emprego de dois elementos separados, como, por exemplo, *cortês mente*.

3ª etapa (português atual): *-mente* parece ter se tornado um sufixo que pode ser acrescido a uma significativa parcela de adjetivos, formando advérbios.

A escala de gramaticalização poderia ser diagramada da seguinte maneira:

placida mente (lat. vulgar)	>	plácida mente (pt. ant.)	>	pacidamente (pt. atual)
adjetivo + substantivo	>	adjetivo + mente	>	advérbio
+ lexical	-----			+ gramatical

Parece-nos, entretanto, que o estágio exemplificado pela forma *placidamente* acima não representa o ponto terminal de um processo de gramaticalização, pois, em diferentes esferas, *-mente* não se comporta como os demais sufixos da língua portuguesa, nem a formação de advérbios com *-mente* obedece aos padrões esperados, como esclareceremos nos parágrafos seguintes. Mas, com certeza, podemos observar no segundo estágio (português antigo) que “mente/mens” já perdia traços semânticos de referência a “mente/espírito” e passava cada vez mais a se esvaziar semanticamente. Sintática e morfológicamente, passa a ter função sufixal, indicando o modo (como fazia no latim), mas, reforçamos, sem o significado de “espírito”. Trata-se da generalização, fenômeno típico da gramaticalização.

Basílio (1998), em artigo intitulado “Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil”, indica, como primeiro indício de peculiaridade dos advérbios em *-mente*, o fato de “a acentuação da palavra base não se submeter totalmente à do sufixo”. Nas demais derivações, a alteração de acentuação tônica é evidente, como observamos nos pares *nítido* ⇨ *nitidez*, *intenso* ⇨ *intensidade*, *rouco* ⇨ *rouquidão*. Com sufixos em *-mente*, o vocábulo assume claramente um padrão com dois picos de acentuação: *nitidamente*, *intensamente*, *roucamente*. Um olhar diacrônico para a história de nossa língua, nos remete para a grafia utilizada antes da reforma de 1971. Naquela época, o advérbio mantinha um sinal diacrítico indicando a sílaba tônica do radical: *nítidamente*, *ràpidamente*, etc. Como reformas ortográficas não resultam em

alteração alguma na língua, os falantes, a despeito da desobrigação de acentuação gráfica, continuam a pronunciar tais palavras com os dois picos de acentuação⁴.

Uma outra argumentação utilizada pela autora refere-se ao fato de as vogais tônicas abertas assumirem articulação fechada ao se unirem a sufixos, mas manterem a tonalidade aberta em advérbios em *-mente*: *brevidade* /e/, *brevemente* /ɛ/; *certeza* /e/, *certamente* /ɛ/; *suposição* /o/, *supostamente* /ɔ/. Parece-nos justificável supor, entretanto, que este fenômeno fonológico ocorre, pois a formação de advérbios se dá com a junção de *-mente* à forma feminina do adjetivo, que, em sua grande maioria, possui a vogal aberta: *suposto*, *suposta*; *morto*, *morta*; *gostoso*, *gostosa*.

O segundo indício apresentado por Basílio para justificar a peculiaridade das formações em *-mente* tem viés morfológico e é exatamente o fato de o advérbio ser criado a partir da forma feminina do adjetivo, o que “fere frontalmente a regra geral de que formas flexionadas não podem ser derivantes”. Quando uma mesma raiz recebe um sufixo derivacional e outro flexional, é sempre o derivacional que se adere primeiro à raiz, criando um radical ao qual se acrescenta o sufixo flexional. Advérbios em *-mente* são os únicos exemplos nos quais se dá o contrário. A professora ainda refuta a alegação de que o sufixo seria, na realidade, *-amente*, com o exemplo de palavras como *brevemente*.

Uma segunda alegação também descartada é a de que formações em *-amente* seria um alomorfe de *-mente*. Para comprovar que a vogal *-a* trata-se da flexão de feminino, a autora remete, novamente, a alteração do grau de abertura e fechamento na realização vocálica de palavras como *religioso* e *religiosamente*, nas quais o /o/ fechado, típico do masculino, transforma-se em /ɔ/ aberto, como ocorre nas formas femininas.

Finalmente, do ponto de vista sintático, a autora ressalta que somente com os advérbios em *-mente* é possível enumerar um ou mais adjetivos e acrescentar o *-mente* só na última formação, “como em *cuidadosa*, *vagarosa* e *pertinazmente*”. A respeito deste fenômeno, Vigário (2003) chega a interessante conclusão após o estudo de estruturas que permitem este tipo de apagamento em português. Para justificar sua síntese, a pesquisadora leva em consideração uma grande gama de exemplos, dos quais destacamos os seguintes:

segur amente mas lentamente	>	segura mas lentamente
no acampam ento e acantonamento	>	* no acampa e acantonamento
pré-tônic as e pós-tônicas	>	pré e pós-tônicas

⁴ Interessante notar que, em língua espanhola, mantém-se o acento da raiz em advérbios terminados em *-mente*.

em pró ise ou ênclise	>	* em pró ou ênclise
pós-sintático e pós -fonológico	>	* pós-sintático e fonológico
pós -sintático e pós-fonológico	>	* sintático e pós-fonológico
luso- asiático ou afro-asiático	>	luso ou afro-asiático
euro -asiático e euro-africano	>	*asiático e euro-africano ⁵

Cuidadosa análise leva a pesquisadora a postular que o apagamento só é possível se “não só a unidade que é apagada mas também a unidade que permanece na estrutura coordenada correspondem a palavras prosódicas autônomas” (VIGÁRIO, 2003 p. nd), retomando características fonológicas que já mencionamos, como a manutenção de sílaba tônica do radical (ou, neste prisma, da palavra que sofre ou não sofre apagamento nos exemplos acima).

Cintra (1983), também investigando o fenômeno de apagamento, o qual denomina de *fatoração*, ressalta que enquanto há equivalência semântica entre *clara e concisamente* e *claramente e concisamente*, o mesmo não ocorre entre *cães e gatinhos* e *cãezinhos e gatinhos*, enfatizando que no primeiro par a diferença seria, “quando muito, de ordem estilística” (1983, p. 75) enquanto no segundo o emprego do sufixo caracteriza apenas a palavra em que ocorre.

A possibilidade de apagamento em estruturas coordenadas com advérbios em *-mente* serviu de argumento para os defensores da manutenção da acentuação gráfica subtonal que foi revogada na reforma ortográfica de 1971, mencionada acima. Alegavam que poderia haver ambiguidade de interpretação em certas construções, como exemplifica Cintra (1983): “Em sua resenha, o Sr. X critica o texto. *Critica e detalhadamente*, analisa...”. Segundo o estudioso, as palavras sublinhadas podem ser tanto um verbo seguido de conjunção e um advérbio quanto um advérbio (com apagamento de *-mente*) seguido de conjunção e de advérbio. Defendia o autor, portanto, que o acento grave deveria ser mantido para evitar a dupla interpretação. Em seu exemplo, entretanto, uma vírgula após a conjunção identificaria a primeira palavra como verbo, eliminando, assim, a suposta ambiguidade.

3. Considerações finais

Um estudo como este, calcado primordialmente em revisão bibliográfica, tem como principal objetivo crescimento intelectual e acadêmico. As leituras e pesquisas que fizemos, e os debates em que nos envolvemos, foram enriquecedores e nos possibilitaram

⁵ Preferimos manter a grafia do texto original do português europeu.

uma visão mais crítica dos fenômenos linguísticos, além de contribuírem para a percepção cada vez mais evidente de que é através da observação atenta e da análise sistemática que se atinge a cientificidade esperada em estudos na área da linguística, como contraponto à repetição e continuidade do que se proclama como certo/errado pela gramática descritiva.

A complexidade do fenômeno tema deste trabalho evidencia a imprecisão com relação à categorização da classe de advérbios em língua portuguesa, que encontra eco em outras línguas. A concordância entre gramáticos tradicionais e linguistas em relação à imprecisão que envolve a classificação dos chamados advérbios é indicativo claro que nenhuma das correntes deu conta, ainda, de chegar a conclusões definitivas quanto à classe adverbial. No caso específico do tema deste trabalho – os advérbios em *–mente* –, as incertezas se acirram.

Com peculiaridades próprias, os advérbios em *–mente* não podem ser classificados como derivados sufixais, pois algumas de suas características não são encontradas em nenhum outro sufixo. Da mesma forma, uma eventual classificação como lexema independente, formando advérbios através de um processo de composição também não é possível, pois mais uma vez suas peculiaridades o distinguem de outras composições genuínas. No máximo, podemos pensar em classificar *–mente* como sufixoide, à semelhança do que ocorre com os prefixoides.

Resta-nos apenas a possibilidade de se tomar os advérbios em *–mente* como representativo de um estágio no *continuum* de gramaticalização em direção à rigidez da sintaxe. No atual momento em que se encontra na nossa língua, em seu constante processo de transformação, pois viva, os advérbios em *–mente* ainda não se gramaticalizaram completamente. Trata-se de uma das etapas naturais do processo por que passam todos os lexemas que se gramaticalizam, em qualquer língua. Apesar de estudos comparativos poderem indicar onde o processo irá levar tal formação, somente o tempo dirá, paciente mas inexoravelmente, como será a estrutura e propriedades dos advérbios em *–mente* após o término do processo de gramaticalização.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Mariana Gonçalves. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados.** Dissertação (Mestrado em Linguística), Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

BASÍLIO, Margarida. *Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil.* In **DELTA** Vol. 14, São Paulo, 1998.

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. **Teoria linguística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOMFIM, Eneida. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1999.
- CHRISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da. (Org.). **Funcionalismo e gramaticalização**: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Ideia, 2004.
- CINTRA, Geraldo. *Mente: sufixo adverbial?* In **Cadernos de estudos linguísticos**. Vol. 5. Campinas, 1983. p. 73-83.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1985.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, M^a Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1993.
- MONTEIRO, Jose Lemos. **As ideias gramaticais de João de Barros**. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5\(14\)37-48.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/5(14)37-48.html) Acesso em: 17 Maio 08.
- NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica**. 9. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1996.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- VIGÁRIO, Marina. *Quando meia palavra basta: apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas*. In: CSTRO, I.; DUARTE, I. (Ed.). **Razões e emoções** – Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. II. Lisboa: Colibri, 2003. p. 415-435.
- WILLIAMS, Edwin B. **Do Latim ao Português**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

João Carlos Rodrigues da Silva é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (profjocarlos@gmail.com).

Maria Avelina de Carvalho é mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás, autora das obras: *Tô Vivu: história dos meninos de rua*, CEGRAF - 1ª edição, 1989, Goiânia-GO adotado no Vestibular da UFG em 1989, 2ª ed, 1991 e da obra *A rua casa a casa rua*, Ed. Kelps, 2006, Goiânia GO. É doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília e professora em Goiânia. (avelina@terra.com.br).

Virgílio Pereira de Almeida é mestre em Educação pelo Framingham State College, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília e professor da Universidade Católica de Brasília. (virgilio@ucb.br).